

Egito Antigo e Festas Modernas: fantasias e humor.

Esta comunicação insere-se em uma pesquisa, que desenvolvo há dez anos, sobre egiptomania, que é uma maneira de se estudar o Egito antigo, através das formas como ele foi visto e reutilizado pelas civilizações desde as contemporâneas até a atualidade.

A idéia desta investigação se formou a partir de um desafio pessoal, importante de ser historiado para este fórum de especialistas, pois demonstra a interligação possível entre uma trajetória pessoal e as perspectivas internacionais sobre investigações acadêmicas em determinadas áreas específicas neste país. Iniciei meus estudos sobre o Egito antigo depois de ter completado a formação acadêmica, Mestrado e Doutorado, em História do Brasil. Fui muito bem recebida, em 1988, pelo meu orientador, o egiptólogo, Dr. Geoffrey Martin, Edwards Professor do University College London.

O desafio que me levou a essa investigação se deu em um Congresso Internacional de Egiptologia, em 1991, quando uma especialista em Egito européia observou que considerava exótico o fato de uma brasileira se interessar pelo Egito antigo. Essa observação me soou tão estranha que cismei em entendê-la.

A primeira leitura que esclareceu alguma coisa sobre ela foi ‘O orientalismo’, de Edward Said. O autor, como sabemos, demonstra que o colonialismo europeu se apossou, além da riqueza e do trabalho de africanos e orientais, de suas criações artísticas e de sua história. Os ícones das sagas desses povos, representativos de suas trajetórias magníficas e antigas foram apropriados e usados com duas formas, basicamente. A primeira que visava estabelecer, através de uma analogia, uma relação entre elas e o poder dos seus novos donos. Os museus europeus foram enriquecidos com as obras primas das sociedades conquistadas, espoliadas e humilhadas por uma Europa ‘civilizada’. A segunda forma foi uma apropriação que criava uma imagem infantilizada, às vezes ridicularizada, sobre o produto/povo orientais.

Daí que a egiptologia, com seus ícones: obeliscos, esfinges e pirâmides tornou-se, de um lado, ‘a menina dos olhos’ dos europeus e, associada aos seus feitos e valores, de outro, um espaço para a diversão, o riso, fruto do senso de superioridade, do criador sobre a sua obra. Ficou, então, compreensível a surpresa e estranhamento da egiptóloga européia frente ao interesse de uma brasileira pelos mesmos!

Mas a questão continuou a me intrigar. Como esse interesse pelo antigo Egito se desenvolveu em mim? Além de Ciro Flamarion Cardoso, a quem

logo conheci, no meu afã, havia poucos trilhando o caminho da egiptologia neste país.

Foi quando tomei conhecimento sobre o histórico da formação da Coleção Egípcia do Museu Nacional do Rio de Janeiro e percebi a antiguidade do interesse pelo Egito antigo neste país manifesto em outras instâncias da vida social, por pessoas de fora da academia.

Tendo como apoio a PUCRS segui as investigações, sendo incentivada pelo grupo do LHIA, no Rio de Janeiro, onde, em 1995, fui informada sobre a ‘A Casa Egípcia’, situada na esquina da rua do Ouvidor com a Av. Rio Branco. Ao conhecer este prédio, pelos detalhes lindíssimos com elementos egípcios, na fachada, tive certeza de que a pesquisa sobre os vestígios do antigo Egito neste país, poderia prosperar.

Em 1997 encontrei, casualmente, no estrangeiro, o livro com a pesquisa e o conceito de egiptomania, desenvolvidos por Jean Marcel Humbert, como sendo ‘a reinterpretação e re-uso de traços da cultura do antigo Egito, de uma forma que lhe atribua novos significados.

Passados quase dez anos, essa pesquisa possui um acervo de excepcional qualidade sobre práticas de egiptomania no Brasil, se estendendo agora à América do sul, cujo interesse pelo antigo Egito é menos conhecido que o manifesto pela América do Norte.

Trata-se do desenvolvimento de um projeto de comparatismo de adoção de imagens egípcias antigas interamericano. Procura-se desvendar as grandes figuras e mitos do imaginário das Américas e suas curiosas e inesperadas confluências.

Esta apresentação constitui um primeiro avanço nessa investigação, a partir da adoção de imagens do Egito antigo em atividades festivas. A metodologia utilizada é uma análise semiótica simples, de conteúdo, fazendo um estudo comparativo de convites originais para sete diferentes tipos de festividades: um concerto promovido pela Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, em 1976, um convite para a Exposição de peças egípcias do Louvre, em 2002, no Rio de Janeiro, um convite para uma festa comunitária na região colonial gaúcha, e um convite para a Festa de Reveillon no Hotel Conrad, em Punta Del Este, no Uruguai, em 2004.

O objetivo desta comunicação é apontar, a partir do conceito de transculturação, desenvolvido por Fernando Ortiz, nos anos 1940, em Cuba, faces diversas e peculiares do imaginário social americano sobre elementos do antigo Egito. A reflexão de entre-lugar é aqui apresentada e utilizada como instrumento de análise desse conceito com as representações egípcias que transitam entre duas margens, a da racionalidade e a do imaginário, entre

ciência e maravilhoso, entre pensamento subjetivo ou mágico e o pensamento lógico.

Segundo Ciro Flamarion Cardoso as técnicas da análise de conteúdo são instrumentos aplicáveis à pesquisa empírica de tipo documental, quando há, em primeiro lugar, um tema delimitado. Em segundo, uma problemática original, e, finalmente, tenha por base hipóteses heurísticas que orientem o processo de interrogação do material delimitado. Assim, buscamos as razões e os modos de escolha das figuras egípcias para motivos de festas e convites no Brasil, questão que, tanto quanto sabemos, nunca foi cogitada. Partimos do princípio de que essas apropriações podem ser feitas por razões de ordem cultural, simplesmente, pelo gosto e a erudição daqueles que escolhem os motivos, mas também podem ter sido escolhidas porque o Egito antigo tem forte apelo no imaginário popular, portanto, vende.

Estes três pontos, que formam um núcleo impreciso e intuitivo inicial do projeto, foram precisados em um jogo feito entre os níveis teórico e o empírico, qual seja o conceito de egiptomania e sua aplicação em um universo empírico de diferentes formas, com manifestações múltiplas desde a arquitetura, as artes, o mobiliário urbano, o marketing sob a forma de logotípias, publicidades, etc .

Para esta primeira etapa da análise de conteúdo – estabelecemos como corpus documental: convites para festas com temáticas egípcias, tendo como critérios principais os seguintes pontos:

- 1 – Completo no sentido exigido pela natureza do tema e das hipóteses: convites para festas tanto no Brasil como no Uruguai, sendo que para o primeiro país há três exemplos: festas particulares, públicas e uma exposição de caráter internacional, uma para Argentina e outra para o Uruguai;
- 2 - Com conteúdo e dimensões que justificam o seu uso na análise de conteúdo, na medida em que são convites singulares sobre festas;
- 3 – Homogêneo segundo os princípios que os definem, que buscam todos chamar atenção para uma cerimônia que se organiza, tendo o Egito antigo como foco central de organização.

Escolhemos sete imagens/textos, considerados, então, como ensina Ciro, um ‘supertexto’ suficientemente homogêneo, embora constituído por textos individuais relativos a participações, convites, publicidade sobre festividades/exposições/visitas, portando elementos egípcios, na América do Sul.¹

¹ BURKE, Peter. “Ler as imagens”. EDUSC, São Paulo, 2004. Sugere caminhos para interpretar as imagens como documentos. As imagens não são apenas suportes para tornar um texto mais bonito.

Para a segunda etapa da análise de conteúdo organizamos a categorização do corpus escolhido, segundo o esquema de Lasswell, seguindo ainda indicação de Ciro, buscando a definição da natureza do *emissor*, do *receptor*, e da *significação* e fizemos uma grade de categorias temáticas, buscando apontar sua pertinência, exaustividade, exclusividade e objetividade.

O tema festas é muito apropriado para esta análise porque, embora se tenha conhecimento que no Egito antigo se faziam muitas festas², há poucas descrições sobre elas, feitas pelos próprios egípcios. É através de Heródoto, que visitou o Egito em 450 a.C, que temos as maiores informações sobre festas egípcias, fato que forma, na atualidade, uma fronteira bem lábil entre ciência e realidade, favorecendo o livro arbítrio e o imaginário sobre cerimônias, festas e egípcios antigos.

Para essa análise, consideramos ainda o pensamento de Duvignaud sobre as festas da modernidade, que este autor considera manifestações da existência coletiva através de uma teatralização, que põe em cena a ação de um drama. Segundo esse autor, a cerimônia social é, possivelmente, o elemento fundamental da vida coletiva porque exprime, com marcante intensidade, as dimensões dos papéis sociais e o confronto dos símbolos que eles significam.(1983:8) Pelas temáticas e os principais papéis sociais distribuídos em um grupo, pode-se ver os valores tradicionais ou não, que estão sendo apresentados.

O “drama” de uma cerimônia pode torna-se um conceito operacional essencial para a compreensão das idéias centrais de um período, de pessoas e do que aquele determinado grupo de humanos julga importante representar, desenhar para tornar a sua existência concreta.O entorno da festa pode ser visto como a área de ação onde o homem realiza a sua humanidade e apreende, dele mesmo, uma consciência parcial ou geral. Obviamente ela obriga a representação de um cenário – onde ‘personagens’ executam gestos prescritos, pelos status respectivos, conquistados ou herdados.

Como adverte Duvignaud³, ao contrário do teatro, cuja cerimônia estética não tem conseqüências, a cerimônia social produz ‘seqüelas irrevogáveis’ que, no caso das festas com temáticas do Egito antigo,

² As festas dos egípcios antigos relacionavam-se com deuses e deusas da natureza.As festas públicas do Egito antigo apresentavam características diferentes segundo as estações do ano, que eram em número de três:

- Akhet (inverno) Estação: inundação (julho-outubro)
- Pert (primavera) Estação sementeira (novembro-fevereiro)
- Shemu (verão) Estação colheita (março-junho)

³ DUVIGNAUD,Jean Festas e civilizações. Ceara. Tempo Brasileiro, 1983.

correspondem, no mínimo, a uma parcela de contribuição ao continuísmo do processo de egiptomania, cuja soma vem permitindo que essa forma de transculturação atravessasse os milênios da trajetória humana.

Conclusão

O Egito antigo está presente no continente americano, neste início do 3º milênio pelo fenômeno da transculturação. A capacidade humana de incorporar, modificando coisas do passado, trouxe à atualidade, músicas do Egito antigo em um convite para sessão da OSPA, esfinges para uma Exposição da Casa França-Brasil, a deusa Isis para nome título de um bloco carnavalesco, faraós e suas rainhas para um festa na serra gaúcha, um obelisco como ícone da terra do tango e o luxo faraônico como atração para um fabuloso reveillon em Punta Del Este.

. Ao escolher esses exemplos singulares e sistematizá-los, entre tantos outros, lembro egiptóloga européia surpresa diante do meu interesse pelo Egito antigo e penso como ela estava errada, eu não sou tão exótica assim, a História e os ícones do antigo Egito não pertencem a uma determinada região deste planeta, eles são um patrimônio da humanidade.